

ACADEMIA DOS REBELDES NA BAHIA: UMA HISTÓRIA À MARGEM?

Angelo Barroso Costa Soares (UNEB/Doutorando UFF)

A Academia dos Rebeldes, essa ilustre desconhecida, emerge no contexto de uma Bahia provinciana e conservadora, entre o final da década de 20 e início dos anos 30, vindo a representar a modernidade estética local. Era formada por inquietos jovens intelectuais, pretendentes à carreira literária, os quais buscavam inovar a literatura, quando a Academia de Letras da Bahia já estava criada, desde 1917, e era tida como o lugar mais cobiçado da cidade pela elite intelectual baiana.

Que contribuição trazem esses jovens para a vida cultural baiana? Que lugar ocupa essa agremiação na historiografia literária, que supervalorizou o modernismo paulista, deixando à margem uma experiência extraordinária para se entender práticas artísticas locais?

A Academia dos Rebeldes, tendo como figura de proa Pinheiro Viegas, vindo do sudeste, era formada por Jorge Amado, Sosígenes Costa, Áydano Ferraz, Guilherme Dias Gomes, João Alves Ribeiro, Walter da Silveira, Edison Carneiro, Da Costa Andrade, De Souza Aguiar e Clóvis Amorim. Os cafés do então centro da cidade do Salvador eram pontos de encontros desse grupo, que participava das chamadas tertúlias, discutia questões literárias e políticas, como também pensava os novos rumos para a literatura que seus integrantes faziam. Do esforço gregário dessa confraria, são editados dois periódicos, as revistas *Meridiano* e *O Momento*, através das quais divulgaram seus trabalhos.

O historiador Paulo Santos Silva (2000), em seu estudo sobre a formação dos quadros intelectuais na Bahia e a construção de uma carreira política nos anos 30, afirma que, nessa época, era inevitável a ocupação de cargos públicos ou o exercício do magistério. Esses postulantes à carreira intelectual iniciam suas atividades nos jornais locais e na imprensa oficial, de acordo com esse pesquisador, levados por amigos influentes ou parentes. Dependiam, portanto, de um capital de relações sociais, no entendimento de Sérgio Miceli, apoiado em Pierre Boudieu.

A peculiaridade dessa carreira literária tem uma explicação no incipiente campo literário do país, à época, quando ainda não se tinha uma profissionalização do escritor, numa terra de bacharéis. Renato Ortiz (2001, p. 26) afirma que, nesse período, há uma “fraca especialização dos setores de produção cultural” e chama atenção para a informação dada por Nelson Werneck Sodré em *A história da imprensa no Brasil*, a de que “até a década de 20 literatura e jornalismo se confundiam, a ponto de os diários serem escritos em ‘linguagem empolada’, inadequada para a veiculação de notícias.” (*idem*).

Numa Bahia altamente conservadora, a emergência de um grupo como o dos rebeldes acena com propostas inovadoras, contagiadas por um ideal utópico, marcando uma época e, de certo modo, deixando sementes para seguidores. Nessa época, Salvador, também conhecida como a cidade da Bahia, era um centro cultural ainda preso a uma arte passadista. Nas relações sociais, permanecia o modelo “casa grande e senzala”, com uma elite burguesa habituada a ser servida por escravos, enquanto o Sudeste passava por um processo de desenvolvimento industrial.

Na tentativa de acompanhar o surto civilizatório de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, com suas reformas urbanas inspiradas na modernização de Paris, Salvador também almeja alterar sua feição urbanística, visando deixar para trás as marcas da

colonização, em especial, a “mancha” da cultura africana. Contudo, apesar do esforço, o processo de urbanização resulta numa insuficiente modernização na capital.

A riqueza da experiência da Academia dos Rebeldes atesta o vigor de uma geração que irrompe de modo transgressor, questionando os códigos estéticos de uma época e, ao mesmo tempo, expondo a complexidade do modernismo no Brasil. Dada essa complexidade, impõe-se aqui a necessidade de explicitar o conceito de modernidade estética, entendida como um modo de ser que agrega um conjunto de experiências e valores éticos e artísticos defendidos e praticados no campo das artes e da literatura, resultando no Modernismo. Tal conceito abriga a idéia de conflitos e tensões, elaborado ainda em meio a uma crise dos valores filosóficos da modernidade ilustrada e à expansão da sociedade capitalista.

Irlemar Chiampi, professora de literatura hispano-americana da Universidade de São Paulo, afirma que há um “descompasso entre nossa modernização social e a nossa modernização estética” (1991, p. 3-4), quando se analisam os textos fundadores da literatura moderna. De acordo com Chiampi (*idem*, p. 12-13), para se conhecer esses textos, produzidos em contextos culturais diferentes, deve-se, antes,

descartar a idéia de que a modernidade seja, simplesmente, uma época caracterizada pelo triunfo da técnica e da razão na qual o processo histórico deva ser interpretado como progresso e superação contínuos. Este conceito diz respeito apenas à face social da modernidade, já que, em sentido lato, como época cultural, a modernidade se define pela crise decorrente da profunda cisão, fragmentação e dissolução da unidade ética, científica e estética, anterior à Ilustração, à Revolução Francesa e à Revolução Industrial.

Ao analisar os textos fundadores, a autora questiona a compreensão homogênea e uniforme que se fez da modernidade estética, por entender que os distintos contextos produziram diferentes reflexões sobre a arte e a literatura. Considera, no entanto, que se pode destacar um repertório de temas e tópicos comuns entre essa produção textual:

- negação da autoridade da tradição artística e literária com o seu ideal de beleza transcendente, universalmente inteligível e atemporal;
- busca do transitório e imanente, cujos valores são a novidade e a mutabilidade, a invenção e a subversão do sentido;
- negação da modernidade burguesa, com os seus valores de progresso, evolução e tecnificação da vida;
- busca do tempo original, como expressão de uma nostalgia da totalidade e da unidade, diante da desagregação do tempo presente. (CHIAMPI, 1991, p. 14)

Marcados por um ideal utópico, negações e buscas, os textos fundadores da modernidade estética tecem críticas à racionalidade técnica, instaurando o “conflito entre a razão liberadora do imaginário e a razão instrumental do mundo capitalista” (CHIAMPI, 1991, p.14).

Ana Maria de Moraes Belluzo, por sua vez, crítica de arte e professora de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, defende que a modernidade ultrapassa o sentido de categoria histórica, compreendendo-a “como modo de ser do homem em uma relação peculiar e inédita com o mundo e com

as coisas, consciência humana radicalizada com o romantismo da metade do século XIX e pelas experiências das vanguardas artísticas.” (1999. p. 167)

Evocando Habermas, a autora afirma que essa consciência torna a modernidade um paradoxo, pois a “dupla face da consciência da modernidade revela-se sob tensão entre a procura da autonomia artística e um projeto de reconciliação utópica, conferindo teor contraditório e problemático à arte na modernidade” (*idem, ibid*). É a consciência que leva ao desejo de emancipação do passado, em direção ao futuro, marcada principalmente por uma separação entre arte e vida, ao mesmo tempo em que se torna crítica de uma realidade social presente.

Para Ana Maria Belluzo, é no século das Luzes que se alcança um domínio autônomo da arte com respeito à natureza, período em que se conquistam fundamentos próprios das artes e da cultura, o que Pierre Bourdieu (1983) denomina de autonomização do campo artístico. Explica Belluzo (*idem, ibid*, p.169-170):

A modernidade cultural nasce, efetivamente, com a crítica como autoconsciência da própria arte, na época do romantismo. A especialização é preparada pela reflexão e pela prática da arte pela arte, ao longo do século XIX, e desemboca no período histórico das vanguardas. A arte não é mais proposta como conhecimento e ciência do mundo e sim como conhecimento da arte, consciência de si e das próprias estruturas, dos próprios procedimentos internos. A arte não se colocará mais no plano de sua constituição ingênua, para afirmar-se como autoconsciência irônica.

De acordo com Belluzo, a experiência da Semana de 22, fruto de uma consciência crítica, tem o intento de “fundar a modernidade cultural num Brasil sem modernização econômica e sem a propulsão dinâmica do embate entre poéticas artísticas”. Enquanto “o desenvolvimento das vanguardas européias aprofunda radicalmente poéticas irreduzíveis, em clara oposição, a afirmação da subjetividade moderna no Brasil congrega diversas modalidades de oposição ao passado”, “sob impacto de diferenças culturais, sociais e econômicas das diversas regiões do Brasil”. Continua a autora (*idem, ibid*, p. 171):

O esforço de reinvenção do presente, com motivações culturais locais, oscila entre atitudes estéticas novas e posturas passadistas, amortizando diferenças, numa sorte de hibridismo. A consciência da modernidade radica-se na arte como emancipação e percorre, poeticamente, as distâncias entre um Brasil arcaico e um Brasil moderno.

Essa explicação contribui para o entendimento do itinerário estético da Academia dos Rebeldes. Buscando romper com as idéias retrógradas acerca de arte e literatura, os integrantes da Academia dos Rebeldes condenam o apego a uma tradição portuguesa, européia, portanto, bem como o culto a uma literatura passadista ou a uma tradição erudita. No intuito de inovar a literatura, marcando ainda a necessidade de uma literatura brasileira, buscam conhecer e preservar a tradição popular local, desqualificada e marginalizada pela elite branca da Bahia, sem perderem de vista as questões sociais que emergem à época, retirando, assim, a literatura do pedestal.

Com essa percepção de mundo, os rebeldes tiveram uma participação ativa no cotidiano da cidade do Salvador e um forte envolvimento com a cultura popular local.

Esses jovens escritores convivem com figuras populares da cidade, como capoeiristas, estivadores, prostitutas, o que, seguramente, marcou a produção literária e intelectual de alguns, o que provam a literatura de Jorge Amado e os estudos etnográficos de Edison Carneiro, por exemplo.

Os integrantes dessa agremiação se voltam para o trivial e as tradições de sua terra, ao darem relevo à cultura africana, buscando, de certo modo, uma conciliação, nos termos propostos por Gilberto Freyre (1968, p.51):

Artigos a favor da cozinha tradicional brasileira e das cozinhas regionais do país; a favor das igrejas velhas; a favor não da simples conservação mas do aproveitamento, pelos arquitetos mais jovens, dos valores da arquitetura tradicional e também dos estilos tradicionais de jardins e de parques à portuguesa, já acomodados à natureza e à vida brasileira; a favor dos estudos da história social e até íntima, nos arquivos públicos, de conventos, de irmandades e de família; a favor dos assuntos negros, ameríndios, populares, regionais, folclóricos, provincianos e mesmo suburbanos como os melhores assuntos para os novos pintores, músicos, romancistas, pesquisadores e fotógrafos.

A Academia dos Rebeldes se apresenta como um grupo de intelectuais e escritores que mais avançou na pesquisa sobre a cultura baiana, se confrontado com outros grupos da época, como *Arco & Flexa* e *Samba*, extremamente conservadores. Os escritores e intelectuais que formam aquele grupo se mostram atentos às questões sociais, valorizam a cultura africana e afro-baiana, debatendo e problematizando questões que dizem respeito à comunidade negra da Bahia, violentamente discriminada à época, vítima do preconceito racial, justamente no momento em que começa a se tecer o discurso da democracia racial, o qual buscava escamotear os conflitos de raça e de classe no país.

Edison Carneiro e Áydano Couto Ferraz, negromestiços, e Jorge Amado, vieram a se tornar jovens militantes do Partido Comunista Brasileiro, dando, no entender de Antônio Risério (2004, p. 499-500), uma “cor local” ao comunismo na Bahia. Na cidade do Salvador, a cultura africana e afro-baiana terminou por suprimir o traço universalista e pretensamente científico do marxismo, coloca Risério (*idem, ibid*, p. 504) – “entre o marxismo-leninismo de Moscou e a realidade ecológica, social e cultural da Bahia, gerou-se um comunismo com traços específicos”.

Assim, esses jovens comunistas baianos, mergulhados na vida popular de uma cidade negra e religiosa, não fecharam os olhos ao sincretismo, à religião do candomblé, às rodas de capoeira, à vida dos trabalhadores no cais do porto, nem tampouco à discriminação racial. Ainda com Risério (*idem, ibid*, p.502), Edison Carneiro “pautou para o jornal *Estado da Bahia*, em 1936, uma série de reportagens sérias sobre o candomblé, fraturando o etnocentrismo da imprensa baiana”.

A pouca relevância dada à Academia dos Rebeldes encontra uma explicação na formação da historiografia literária. Seguidora da mesma lógica da história tradicional, feita de grandes vultos e “fatos” que forjaram a nação, a história da literatura, via de regra, não comporta práticas sociais, artísticas e culturais tidas como locais. Particularmente em relação ao modernismo baiano, os compêndios ignoram a trajetória

dos rebeldes ou lhes dão pouca importância, ficando obliterada pela centralidade do modernismo paulista, que se passou como o modernismo de uma nação.¹

As revistas editadas por esses jovens, *Meridiano* e *O Momento*, sinalizam o desejo de inovação, marcando, assim, a atividade literária do grupo. Num país sem tradição de leitura, os periódicos, a partir do século XIX para cá, cumpriram um papel importante na formação de um público leitor, ainda que pequeno. Para os rebeldes, essa mídia impressa materializa a oportunidade de divulgação de suas produções e se torna o canal que leva seus textos e suas novas idéias até aos leitores das camadas médias urbanas da cidade do Salvador, onde uma elite intelectualizada reclama por eventos culturais, muitos deles anunciados nessas revistas.

Marcadas como veículos de “variedades”, *Meridiano* e *O Momento* disseminam a concepção de literatura dessa agremiação, e através delas é possível depreender, como atestam seus anúncios publicitários, o intento da capital baiana, que aspira tornar-se moderna, um ideal orquestrado nacionalmente. Ainda, tais periódicos são inegavelmente uma valiosa contribuição para se tecer uma história da Academia dos Rebeldes.

Os integrantes dessa agremiação esboçam um projeto estético-ideológico voltado para a renovação da literatura, ao se fazer presente uma ruptura com a linguagem tradicional. A língua falada pelo “povo” é acolhida, sem qualquer preocupação com a rigidez da norma culta gramatical. Tal projeto é posto em prática quando os confrades demonstram consciência do país, desejo e busca de uma literatura nacional, diria melhor, brasileira.

A Academia dos Rebeldes abre caminhos para esses jovens escritores, preparando a estrada para grandes nomes que se destacam na cultura brasileira. E abrir caminhos é uma prática muito peculiar à cultura afro-baiana. Afinal, todos os dias, convive-se com Exu, uma entidade da religião africana que cuida da abertura e da guarda dos caminhos para Ogum, o Orixá das estradas.

Como numa cerimônia do encantado, em que se abrem os trabalhos fazendo o padê de Exu, essa confraria abre caminhos para a carreira intelectual de Jorge Amado, Edison Carneiro, Sosígenes Costa, Pinheiro Viegas, Áydano do Couto Ferraz e outros que, militando no Partido Comunista Brasileiro, souberam conviver e defender a minoria que praticava o culto afro-brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia. *Arco & Flexa contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

ARCO & FLEXA: mensário de cultura moderna. Ed. fac-sim. (1928-1929). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. A modernidade como paradoxo. Modernidade estética no Brasil. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹ Dentre os historiadores da literatura lidos para este trabalho, apenas Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho mencionam o nome dessa Academia.

CHIAMPI, Irlemar (Coord.). *Fundadores da modernidade*. São Paulo: Ática, 1991.

FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MERIDIANO: Revista de vanguarda. Salvador, n. 1, set. 1929.

MICELI, Sérgio. *Imagens negociadas; retratos da elite brasileira*. (1920-40). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O MOMENTO. Salvador, n.1, 1931.

_____. Salvador, n. 2, 1931.

_____. Salvador, n. 3, 1931.

_____. Salvador, n. 4, 1931.

_____. Salvador, n. 5, 1931.

_____. Salvador, n. 6, 1932.

_____. Salvador, n. 7, 1932.

_____. Salvador, n. 8, 1932.

_____. Salvador, n. 9, 1932.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Cultura brasileira e indústria cultural. 5. ed. 3. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.

SAMBA: mensário moderno de letras, artes e pensamento. Ed. fac.-sim., n.1(nov.1928); n.2, dez.1928); n.3 (fev.1929); n.4 (mar.1928). Salvador: Conselho Estadual de Cultura.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia* (1930-1949). Salvador: Edufba, 2000.